



Imagem: Divulgação



Para a escritora estreante Ana Lia Almeida, a ideia das 40 crônicas era aliviar a tensão deste momento, adotando um caráter mais cômico nos textos

Obra reúne crônicas sobre a pandemia

'Curtinhas de Quarentena' mistura humor e crítica social com textos que refletem sobre as obrigações do dia a dia em tempos de isolamento

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A pandemia vista da porta de casa para dentro. É o cotidiano caseiro com todos os seus desafios, imprevistos e humor do dia a dia. É o mesmo que pode ser encontrado nas crônicas de *Curtinhas de Quarentena* (Editora Venas Abiertas), da escritora estreante Ana Lia Almeida.

O livro se centra entre o trágico e o cômico que existe no ato de a gente estar sozinho, mas, para não perder a humanidade, passa um bato e se arruma para ficar sozinha em casa, como descreve a autora do livro sobre esse peculiar momento da nossa história. A obra já está em pré-venda na Livraria do Luiz (livrariadoluz.feiz.com.br), em João Pessoa, e deve ser lançada de forma oficial e virtual no início de julho.

Tão doméstico e familiar quanto os temas retratados, foi a forma com a qual a autora recense a realidade em um blog de um jornalista e analista político do estado.

"Quando comecei a fazer circular esses textos, era porque tinha algo a dizer sobre essa loucura toda, só que pensei em dizer isso em poucas palavras. Quería alcançar pessoas como eu que, entre ir ao

banheiro, começar o trabalho e lavar os pratos, podia parar cinco minutos para fazer uma leitura", explica a autora sobre como definiu pelo gênero de textos curtos para a sua primeira publicação. "De fato, essa sensação que a gente tem de que o tempo não está dando para nada, que está tudo uma loucura, acabou sendo decisivo para escolher esse formato", complementa.

Os textos mais longos dispostos na coletânea não ultrapassam uma página e meia. "Eu já achava que os mais longos funcionavam menos. Quanto mais curtos eram, eu tinha mais retorno. Nesse contexto de precariedade da vida, isso acabou facilitando a leitura para algumas pessoas", analisa a autora.

Curtinhas de Quarentena busca chamar a atenção dos leitores não apenas através do tamanho dos textos que se encaixam entre as obrigações do dia a dia, mas também a partir de uma identificação através dos processos similares que as pessoas estão atravessando e que podem ser fisgadas pela ludicidade das crônicas. "A ideia era um pouco aliviar a tensão desse momento de isolamento. Por isso, tem um caráter mais cômico predominante. Se a gente não viu essa realidade com um pouco de humor, as coisas ficariam ainda mais difíceis", explica.

Existem algumas crônicas, porém, que apresentam premissas mais críticas de conjuntura social e que buscam literalizar mais a escrita com a inclusão de alguns personagens que se apresentam na vida de quem tem a condição de se estabelecer dentro de casa durante a pandemia, tais como as trabalhadoras domésticas e os motoboys. "Os

impactos sociais da pandemia é, de fato, algo que me motivou a escrever e conseguir levar uma reflexão real sobre isso tudo. Existe um esforço imaginativo de tentar ver como outros perfis de trabalhadores estavam encarando esse momento", comenta Ana Lia.

A empreitada da autora durou um ano entre produção e revisão dos textos e foi concluída quando a coletânea de *Curtinhas de Quarentena* atingiu o número simbólico de 40 crônicas. Professora do curso de direito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mãe de uma criança de 11 anos de idade, Ana Lia decide publicar seu primeiro livro justamente no momento em que o ambiente para o desenvolvimento do pensamento criativo e a disponibilidade de tempo foram tão alteradas. "É uma luta especialmente para as mulheres escritoras e que têm filhos e responsabilidades familiares. É uma dificuldade muito grande encontrar um tempo em meio a um trabalho remoto, e do peso emocional que vem desse momento", relata.

Foi também durante a pandemia que Ana Lia se percebeu como escritora, apesar de afirmar ter desde criança o perfil de alguém que está sempre escrevendo, ela jamais havia tirado essa produção literária do seu caráter privado. "Teve um pouco desse olhar para dentro e ver o que era importante para mim, o que eu ia lutar para fazer sentido, e isso tem muito a ver com a realidade desse tempo de muita dureza. Sempre foi um sonho ser escritora e ter essa disciplina de escrever", conta Ana Lia.

A vontade de se comunicar por meio de uma escrita para ela surge quando o contato físico e regular com as

demais pessoas era uma impossibilidade. Lia faz questão de enfatizar, porém, que esse seu despertar para a literatura não advém de um impulso criativo ou de algo espontâneo que se estabeleceu a partir de um processo de ociosidade. Ela passou a escrever todos os dias nas primeiras horas da manhã, antes de todos na casa acordassem, e a ler nos momentos de intervalo e repouso. "Escrever acaba ficando nas sobras do tempo e ao custo de muito esforço", confessa.

Hoje com 37 anos, ela não pretende fazer dessa atividade literária um hobby ou algo secundário em suas prioridades. Ana Lia Almeida já produziu uma novela voltada às experiências e emoções conflituosas da maternidade que será publicada também pela independente Venas Abiertas e fará parte de uma coleção de livros de bolso organizada pelo Mulherio das Letras.

Além disso, ela tem publicado quinzenalmente uma série de contos chamada *Rita na Luta*, sobre uma senhora que gosta de escutar as conversas dos outros no ônibus. Essa série é publicada no blog da autora *Salto de Palavras* (saltodepalavras.blogspot.com) e também no *Blog do Rubão*, do jornalista Rubens Nóbrega (rubensnobrega.com.br).



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Editora Venas Abiertas

CONFIRA ALGUMAS CRÔNICAS SELECIONADAS DA OBRA:

AULAS ON-LINE

A criança pula da cama faltando 5 minutos para a aula começar, troca a camisa do pijama e corre pra frente do computador, depois de uma noite de pesadelos por causa do Jornal. Pelo menos a câmera poderá ficar desligada caso o cabelo amanheça irremediavelmente assanhado.

Com sorte, a Internet da professora estará boa, vamos aguardar todo mundo entrar na sala virtual. E cadê Fulaninho que ainda não chegou? Peraí, que a professora vai ver se a mãe dele disse alguma coisa lá no grupo de zap. Antes do início da aula, já se passaram 3 rixas na modalidade chat e 5 guerras de desligamento de microfones.

Chegou Fulaninho. Bom dia, fez a tarefa? Como assim, a sua mãe não lembrava desse assunto, Fulaninho, a gente não passou a manhã todinha aprendendo isso ontem? Como é, Sicraninha? Seu pai trabalhou no computador a tarde toda e por isso você não pôde fazer a tarefa! Entendi...

No meio da aula online, a criança se aborrece com a coleguinha e abandona a turma. Deixa a professora-computador falando sozinho e vai reclamar para a mãe que odeia todo mundo, que nunca mais vai voltar pra aquela escola. A propósito, será que agora ela já pode ir pra casa da prima?

Deixemos para a posteridade as avaliações sobre o tal do ensino remoto. Por hora, basta narrar.

PRIMEIRA

Tem muita gente por aí sozinha em casa nessa quarentena se recusando a perder o charme! Minha prima, por exemplo, dia desses contou que fez um jantarrzinho especial para si própria.

Perfumou-se, passou batom e escovou o cabelo. O cardápio foi escolhido após um pequeno campeonato dentro das páginas do livro de receitas: carne na cerveja.

Saída do forno, estava divina! No dia seguinte, continuava uma delícia. Na terceira reaquecida, o seu maior desejo era uma companhia qualquer que evitasse guardar mais aquela sobra na geladeira.

No quarto dia, o cachorro foi o ser vivo mais feliz da pandemia.

SEGUNDA

Não são apenas as pessoas que estão perdendo o juízo nessa quarentena: os cachorros também. A maior convivência com seus melhores amigos pode deixá-los confusos e irremediavelmente dependentes.

Pelo menos é o que está acontecendo por aqui com Choquita e seu filhote Choquito, desde que a pequena Anita, melhor amiga deles, foi passar uns dias na casa do pai. Os cães estão seriamente preocupados e a procuram pela casa toda, apreensivos.

Devem pensar que demos sumiço nela como fizemos com os outros três filhotes, levados não sabem para onde, de uma hora pra outra. Nos olham de um jeito acusatório como se dissessem: "O que vocês fizeram com ela? Onde a esconderam?".

Realmente, não está fácil pra ninguém.

TERCEIRA

Talvez o conceito de "altos e baixos" mereça uma revisão nesses tempos de isolamento: a parte do "alto" pode ser traduzida por "não estar muito pra baixo", e as escalas dos baixos podem ser ampliadas até o sentido de "queda livre sem a perspectiva de encontrar o chão".

Como quando o café acabou e você pensa nas máscaras que não estão usando no supermercado. Ou quando o mês acabou e você não se lembra dele ter passado. Ou quando você sabe que não tem do que reclamar, com tantas coisas piores acontecendo com tantas outras pessoas.